

# Desemaranhar, iluminar e avançar

Desenmarañar, iluminar y avanzar

*To untangle, to illuminate and to advance*

## AUTORES

**Ruan Carlos Neris do Carmo\***

[ruan.carmo@ifch.ufpa.br](mailto:ruan.carmo@ifch.ufpa.br)

**Hilton P. Silva\*\***

[hdasilva@ufpa.br](mailto:hdasilva@ufpa.br)

\* Estudante de graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA, Brasil).

\*\* Docente do programa de pós-graduação em Antropologia e do programa de pós-graduação em Saúde, Ambiente e Sociedade na Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA, Brasil).

Schwarcz, L. M. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.

## RESUMO:

A obra *Sobre o autoritarismo brasileiro*, de autoria de Lilia Moritz Schwarcz, reúne uma série de dados, pesquisas e informações históricas para embasar importantes discussões da atualidade. A autora é perspicaz no ato de destrinchar a realidade por relacionar o que estamos vivendo com pontos anteriores da nossa história nacional e, definindo como eixo central o autoritarismo que reflete em vários pontos discutidos na obra, ela reafirma a relevância do estudo do passado para a construção do senso crítico, necessário para fomentar a reflexão sobre as realidades vivenciadas por determinados grupos da sociedade. Um livro curto e direto, leva o leitor a folhear um conteúdo capaz de lançar luz sobre o pensamento emaranhado do presente, engendrado no decorrer de nossa formação nacional, que dificulta o vislumbre das formas de autoritarismo fixadas em nossas relações econômicas, políticas e sociais.

## RESUMEN:

La obra *Sobre o autoritarismo brasileiro*, de Lilia Moritz Schwarcz, reúne una serie de datos, investigaciones e información histórica para apoyar importantes discusiones actuales. La autora se muestra perspicaz en el acto de desentrañar la realidad al relacionar lo que estamos viviendo con puntos anteriores de nuestra historia nacional y, definiendo como eje central el autoritarismo que refleja en varios puntos discutidos en la obra, reafirma la relevancia del estudio del pasado para la construcción del sentido crítico, necesario para fomentar la reflexión sobre las realidades vividas por ciertos grupos de la sociedad. Un libro breve y directo, que lleva el lector a pasear la mirada por un contenido que arroja luz sobre el enmarañado pensamiento de nuestros días, engendrado a lo largo de nuestra formación nacional, que dificulta vislumbrar las formas de autoritarismo establecidas en nuestras relaciones económicas, políticas y sociales.

## ABSTRACT:

The book *Sobre o autoritarismo brasileiro*, authored by Lilia Moritz Schwarcz, brings a set of data, deep research and historic information to support an important present discussion. The authoress is insightful in the act of unraveling the reality by relating what we are living with previous points of our national history and, defining as central axis the authoritarianism, which reflects in several points discussed in the book, she reaffirms the relevance of the study of the past for the construction of a critical sense, necessary to foment the reflection about the realities experienced by certain groups of society. The book, short and straight to the point, takes the reader to flip through contents that can shed light on the tangles of the present thinking engineered during the construction of our nation, which complicates the comprehension of the forms of authoritarianism fixed in our economic, politic and social relations.

O entendimento sobre o passado é uma ferramenta útil para a compreensão da complexidade do presente e de seus atores sociais. A produção de Lilia Moritz Schwarcz, que alia os conhecimentos em História e Antropologia Social, expressa isso de maneira perspicaz – ecoando vitórias em prêmios literários como o prêmio Jabuti e artísticos como o Troféu APCA - obras como *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930* (1993), *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos* (1998), *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX* (2001), *Nem preto nem branco muito pelo contrário: raça e cor da sociedade brasileira* (2013), trazem um mergulho histórico na construção da sociedade brasileira em busca de compreender diversos fenômenos comportamentais da atualidade no país. Desta vez, centrada em um tópico específico, a autora, em sua mais recente obra intitulada *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019), discute as múltiplas formas do autoritarismo vigente que, estabelecidas no decorrer da história do Brasil, persistem configurando nossas relações interpessoais, visões de mundo, instituições e sociedade. Longe de traçar linhas simplistas sobre a formação de determinados fenômenos, a antropóloga e historiadora evidencia o “ontem” na busca por amenizar a incompreensão vigente sobre os problemas da atualidade no país.

A escravidão, sendo uma das primeiras expressões de autoritarismo no Brasil, inicia o debate. Somos levados a perceber, através de dados estatísticos, contextualização histórica e reflexões da atualidade, como as estruturas de dominação de brancos sobre negros se reformularam ao longo do tempo, tomando formas definidas por pressupostos criados coletivamente por indivíduos (brancos) que se beneficiam desse tipo de relação, como a manutenção do racismo, profundamente inserido nos nossos costumes, definindo a forma com que nos relacionamos, lidamos e enxergamos as pessoas consideradas negras e as próprias relações sociais no país.

Em seguida, a autora promove uma interessante análise sobre o mandonismo, ou o uso do poder do “senhor” que, possuindo muitas riquezas e posses, era rodeado de “súditos”, que construía com ele relações de dependência, submissão e lealdade. Mesmo com a mudança dos regimes políticos, esse sistema se manteve, apenas mudando seus atores sociais, levando a atribuição do poder político a uns poucos grupos da elite e à manutenção da concentração de terras de alguns, e da pobreza da maioria no meio rural. Se atentarmos para a trajetória das grandes famílias tradicionais do ramo político nacional e para a subordinação ao “pai político digital” na história recente, essa raiz autoritária se mantém tristemente firme no presente.

Práticas patrimonialistas também são um dos motivos de reflexão da autora. Estas ocorrem quando políticos eleitos se utilizam do espaço público para a promoção de interesses privados. É um fenômeno antigo, que se desenvolveu com a fragilização das instituições desde o período colonial e se alastrou continuamente pela máquina pública, naturalizando quando políticos lidam com o Estado de forma personalista, sendo “pais” com poder sobre as leis; bondosos com os aliados e severos com os oponentes ou inimigos. Como dizia um célebre ditado atribuído a Getúlio Vargas: “Aos amigos, tudo. Aos inimigos, a lei”. O patrimonialismo representa um perigo constante para a democracia, sobretudo pelo enfraquecimento do caráter representativo atribuído à política e aos políticos, e o fortalecimento de práticas autoritárias.

A autora discute também na obra a questão da corrupção. Certamente que esta não surgiu em tempos recentes uma vez que sua presença, mesmo que com significados mutáveis, se encontra registrada desde o período colonial (Romeiro, 2017). Assim como no passado, a prática afeta o emprego de verbas públicas e impede o andamento dos projetos de governo, prejudicando a toda a população. Para combater esse mal é necessário a construção de instituições sólidas,

#### **PALAVRAS-CHAVE**

**Autoritarismo;  
Brasil; História;  
Antropologia  
social e cultural.**

#### **PALABRAS CLAVE**

**Autoritarismo;  
Brasil; Historia;  
Antropología  
social y cultural.**

#### **KEYWORDS**

**Authoritarianism;  
Brazil; History;  
Cultural and Social  
Anthropology.**

**Recibido:**  
24/10/2019

**Aceptado:**  
15/04/2020

políticas públicas de longa duração, condenação de corruptores e corruptos, e intensificação da participação da sociedade civil organizada em todas as esferas de governo (Furtado, 2008).

Outro tema abordado no livro é a desigualdade social. Schwarcz reúne dados que apontam para a existência de um sistema desigual de renda, de oportunidades, de regionalização, de discriminação étnico/racial, de gênero e de geração, dificultando o acesso de determinados grupos (sobretudo a população negra e também os povos tradicionais) à educação, saúde, lazer e oportunidades de emprego. Este sistema, que se inicia no nascimento do país, se apresenta de muitas formas na atualidade, sendo alimentado pela perpetuação de práticas políticas autoritárias (como patrimonialismo, corrupção, mandonismo e racismo) e projetos que visam a manutenção deste quadro.

A questão da violência é também analisada no texto. Sempre presente, ela já foi utilizada como um instrumento de domínio sobre os súditos pelos senhores de terra do passado, e, atualmente, pela polícia em suas abordagens e nas revistas seletivas. Novamente, somos levados a perceber padrões de continuidade que podem servir para elucidar o atual contexto. No campo e na cidade, crimes provocam uma sensação de medo, porém os problemas envolvendo violência não podem ser superados apenas com soluções imediatistas, embora estas sejam sempre vendidas a cada eleição.

O capítulo sobre raça e gênero, trata da “intersecção” de marcadores sociais sobre os indivíduos e como isso pode levá-los a vivenciar determinadas situações, como a dificuldade de inserção na sociedade e de acesso aos serviços públicos. A autora discute a importância das políticas públicas focadas em grupos específicos e das ações afirmativas como tentativas recentes de resolução desses problemas. Mulheres vivenciam a cultura do estupro e o risco de serem vítimas de feminicídio, sobretudo as mulheres negras; e a população LGBT também sofre com a falta de assistência e de punição dos agressores em casos de violência ou mesmo de assassinato. A tentativa de negação dessas vivências específicas em si é, também, uma forma de autoritarismo.

Extremamente atual como o conjunto obra, o último capítulo traz uma importante reflexão sobre a questão da intolerância. Há uma imagem no exterior de que o povo brasileiro é tolerante e hospitaleiro, o que não condiz com os índices de violência e práticas de preconceito vivenciadas por amplos setores da sociedade. Aqui, persiste a negação de que a intolerância seja realmente praticada e que as distâncias sociais de raça, gênero e religião, muitas vezes reforçadas no cotidiano, sejam responsáveis pelo adoecimento, morte e encarceramento de milhares de pessoas. Mais uma vez estamos diante de outras manifestações de autoritarismo.

A obra cumpre um papel primordial na atualidade brasileira, de ajudar a destrinchar a confusão no entendimento sobre muitos fatos recentes. Ela surge quando narrativas sobre o que “era” são construídas para a ascensão e manutenção do poder político, por isso, é necessário exercitar o “lembrar” para enfrentar as diferentes formas de autoritarismo a que estamos potencialmente sujeitos. O texto é de fácil compreensão e estimulante, sendo difícil definir a que público a obra seria particularmente recomendada, pois todos os brasileiros são, de certa forma, um produto do que é posto em discussão no livro, logo, todos deveríamos buscar compreender a continuidade histórica desses autoritarismos que permeiam nossas vidas, para nunca deixarmos de nos indignar com eles.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Schwarcz, L. M. (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

Schwarcz, L. M. (1998). *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Schwarcz, L. M. (2001). *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX* (2ª Ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

Schwarcz, L. M. (2013) *Nem preto nem branco muito pelo contrário: raça e cor da sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma.